



EDITORIAL

Quem somos nós neste mundo de incertezas?

Dr. Joel Cezar Bonin¹

“Corremos tanto, mas ainda estamos no mesmo lugar”: a frase é bem conhecida, mas não sei precisar neste momento quem é o seu autor, mas para além de qualquer autor desconhecido, fica a forte marca de sua implacável verdade. Por sua vez, a banda Titãs musicou com sapiência que “desde os primórdios até hoje em dia, o homem ainda faz o que o macaco fazia, eu não trabalhava, eu não sabia, o homem criava e também destruía; homem primata, capitalismo selvagem” (Homem Primata, composta por Jose Fernando Gomes Dos Reis, Marcelo Fromer, Ciro Pessoa Mendes Correa e Sergio De Britto Alvares Affonso e lançada no ano de 1997 no álbum “2 é Demais”).

Das duas afirmativas, uma mesma constatação: a relação do ser humano com os seus iguais ou desiguais permanece muito semelhante ao estado hipotético de natureza que Hobbes defendeu em “O Leviatã”. Do estalo intelectual da modernidade até o momento presente, pouquíssimas mudanças ocorreram. O homem permanece, em linhas gerais, lobo de si mesmo, pois é incapaz de ver o outro como si mesmo.

Durante todo o período iluminista-moderno e, mais precisamente com a Revolução Industrial, houve um forte movimento (em sua maioria, não deliberado) de pessoas para o mundo urbano. O trabalho, a fábrica, a produção, o consumo e a lógica da própria existência impeliram milhares para o mundo da cidade.

¹ Doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2020). Mestrado em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2008) e graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (1997). Atualmente é professor do SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial-SC), desde 2015 e professor da UNIARP (Universidade Alto Vale do Rio do Peixe), desde 2010. Atua como professor no Mestrado Acadêmico em Desenvolvimento e Sociedade (PPGDS), na linha de pesquisa "Sociedade, Cidadania e Segurança" (2020) e no Mestrado Profissional em Educação Básica, na linha de pesquisa "Políticas Públicas e Gestão da Educação" (2019). Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia Política Moderna e Contemporânea, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, filosofia, sociologia, antropologia, sustentabilidade, ética, cidadania e política. Atua como professor, tutor e produtor de material EAD para a UNIARP nas disciplinas de sociologia e antropologia jurídica. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5599831923296454>; E-mail: boninj7@gmail.com



O conceito de cidade sempre foi muito importante para o pensamento filosófico desde os gregos: a cidade é o local do homem livre, daquele que é habitante de um espaço comum, o que nos faz pensar no espaço comunitário daqueles que convivem em situação de igualdade, equidade e paridade. Contudo, já entre os gregos, isso representava uma meia-verdade. A liberdade não era algo para todos, pois alguns eram mais livres do que outros.

Nessa contextualização, emerge a indagação mais premente: mais de 2000 anos se passaram, mas quais foram as reais mudanças? Conforme Titãs, ainda somos primatas, somos homens e mulheres que anseiam negar o próprio lado animal, em busca de mais felicidade e mais autorrealização; contudo, o que sabemos é que tudo isso não passa de um monte de bobagem sensacionalista.

Mas, o que deu tão errado nesse percurso todo? Onde foi parar o sonho dourado da vida preconizada pelos modernos? Não conheço uma resposta totalmente assertiva, porém, ousou dizer: o problema está na forma como a Revolução Francesa foi concebida. A proposta de igualdade, liberdade e fraternidade me faz lembrar um belo *slogan* de qualquer empresa de cosméticos ou de bebida alcoólica. “Abraça essa causa”; “Cria em você mesmo”; “O futuro do mundo está em nossas mãos” ou “Eu amo tudo isso” podem ser exemplos emblemáticos de frases de efeito que poderiam estar facilmente associadas com os ideais da Revolução Francesa que nunca foram concretizados de verdade, a não ser para a velha burguesa francesa e para a atual elite financeira do mundo.

Longe de todo pessimismo, porém mais perto do realismo, é preciso convir que a relação indivíduo-sociedade sempre viveu na corda bamba entre o excesso e a falta. A falta de um discurso coerente e o excesso de um individualismo sempre premente. Não é à toa que Bauman, um dos maiores sociólogos de nossa contemporaneidade, propôs que vivemos em um mundo líquido, no qual tudo se evapora no sol forte das impermanências, volatilidades e incertezas. Um mundo desconstruído pela falta de objetivos claros e projetos de possíveis “amanhãs”. Um certo desamparo, uma certa melancolia: um lembrete de Schopenhauer do século 19 para nosso momento histórico.

Assim, no duelo atual entre o indivíduo e a sociedade, não há vencedores ou perdedores, só há perfis, *avatars*, *skins*. Em outras palavras, há uma vida delegada ao espaço das redes sociais, que empurra a todos para um deserto muito árido: o mundo da



Matrix que duplica a identidade de todos e cada um e que não permite outros espaços. Estamos fadados a esquecer a presença real do outro em detrimento de uma vida virtual, na qual não existem preocupações sociais, ambientais ou econômicas. É um novo tipo de igualdade que suplanta a liberdade e enclausura qualquer possível ato de fraternidade. O problema da Revolução Francesa persiste, mas com vestes mais tecnológicas.

Diante de tantas agruras, é necessário ponderar com base em alguns célebres pensadores alemães: se para Hegel, o indivíduo só se completa na vida do Estado; se para Marx, a luta de classes é infinda; se para Habermas, a ação comunicativa só pode ocorrer sem coações e, se para Kant, a verdadeira liberdade só se dá na conclusão de que o imperativo categórico é o nosso único escudo para enfrentarmos as adversidades da vida em comum, quem somos nós diante de tanta diversidade de ideias e proposições? Em minha modesta opinião, apenas seres sedentos por respostas, mas que não sabem confabular adequadamente suas próprias perguntas.

Já dizia o esperto gato Cheshire para Alice, no País das Maravilhas: “para quem não sabe para onde vai, qualquer caminho serve”. Esse conselho nos cai bem, pois na busca pelo encontro de nós mesmos, não sabemos para onde ir; buscamos respostas em vários pensadores e correntes de debate filosófico, antropológico, sociológico ou histórico; contudo, o caminho só pode ser, de fato, apreendido ao se caminhar por ele. E esse trabalho é solitário: para muitos, pode ser assustador, mas para aqueles que querem ir além do óbvio, o convite está feito.

Desse modo, esta edição da Revista IF-Sophia é “prato cheio” para aqueles que tem “vontade de saber”, “fome de palavras” e “gosto por aquilo que incomoda”.

Boa leitura.